Tradução*

A SOCIEDADE DE SEGURANÇA MÁXIMA**

Gary T. Marx***

Tradução de Adriana Loche****

Eu não acredito que este gênero
de sociedade que eu descrevo se chegará,
mas eu acredito que qualquer coisa
que lhe pareça pode acontecer.
George Orwell

Nós vivemos (a) época dos
milagres e (das) maravilhas.
É uma chamada à longa distância.
A maneira como a câmera nos segue
a uma velocidade reduzida.
Nós vivemos a época dos *lasers* na selva,
Dos *lasers* em qualquer parte da selva.
Sinais staccato de informação permanente.

---

* Artigo preparado para o XXXVIII Curso Internacional de Criminologia "Novas Tecnologias e Justiça Penal". Universidade de Montreal, 21 de agosto de 1987.

** NT: O texto, apesar de escrito há mais de duas décadas, é bastante atual. A sociedade de segurança máxima, a cada dia, consolida-se em nossas práticas cotidianas, muitas vezes sem percebermos o quanto ela é violadora de direitos. Mais do que nos afastarmos, a cada dia, nós nos orientamos em direção a uma sociedade de segurança máxima, e este parece ser um caminho sem volta, característico da pós-modernidade. O artigo foi republicado em 2003, em uma coletânea organizada pelos sociólogos Dominique Monjardet (*Centre National de la Recherche Scientifique* – França) e Jean-Paul Brodeur (*Centre International de Criminologie Comparée* – Canadá), por sua importância nos estudos sociológicos sobre crime e controle social.

*** MIT, Cambridge, Massachussets.

****Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

Nós vivemos (à) época do milagre e da maravilha.
Paul Simon (*The boy in the bubble*)

A morte da democracia não será
provavelmente devida a um assassinato de
emboscada. Ela será acima de tudo uma extinção
lenta (devida à) apatia, indiferença
e alta de (alimento).
Robert Maynard Hutchins

Buck Rogers e Dick Tracy chegaram ao sistema de Justiça criminal. Durante uma conferência recente na Universidade de Montreal sobre tecnologia e justiça criminal, foram apresentadas informações sobre o leque de tecnologias de defesa da era espacial que está agora pronto para ser usado comercialmente. Os empresários dos meios econômico, político ou universitário, para justificar esse uso, referem-se a valores comuns: justiça, equidade, prevenção geral ou especial, dissipação do medo, assim como maior eficácia e melhores resultados. Mas as rosas crescem rodeadas de espinhos.

No interior dessas observações, eu devo sublinhar as questões que se referem à evolução atual no domínio tecnológico do controle social. Eu me refiro aos meus recentes trabalhos sobre a polícia secreta, *computer matching and profile* e a vigilância do trabalho[1].

Eu escrevo tanto como cientista quanto como crítico social. Como cientista, identifico e desenho as correntes da sociedade. Como crítico social, adivinho o futuro em que as correntes atuais confirmar-se-ão. Depois de sua visita à União Soviética, em 1919, o jornalista americano Lincoln Steffens reparou: "Eu vi o futuro, e ele está em funcionamento".

1 Certos temas desta exposição foram mais desenvolvidos em Marx e Reichman (1986a; 1986b; 1988).

Em que medida essa profecia será válida nos domínios da tecnologia e da Justiça criminal? Mesmo sem ser clarividente o bastante para nutrir um pessimismo absoluto, eu não posso compartilhar o otimismo de L. Steffens, particularmente no que se refere à vida privada e à liberdade do indivíduo.

Pouco a pouco, nós aceitamos as mudanças tecnológicas de forma benigna (*beepers* eletrônicos, identificação biométrica, banco de dados computadorizado), a vigilância por vídeo, a farmacologia, os porteiros eletrônicos. E, assim fazendo, para onde iremos como sociedade? Que mundo se apresentará a nós no ano 2000 ou 2050? No que se refere à liberdade, à vida privada, à dignidade e à autonomia do indivíduo, nós teremos vontade de legar este mundo a nossos filhos e netos?[2]

Nos Estados Unidos, comemoramos duzentos anos da Constituição, um documento que serviu para estender a liberdade. Infelizmente, o bicentenário de outro documento importante, mas que serviu para reduzir a liberdade passa praticamente despercebido: a publicação do *Panóptico* ou a *Casa de Inspeção*, de Jeremy Bentham.

A PRISÃO IDEAL SEGUNDO BENTHAM

Eu acredito que a imagem desenvolvida por Bentham, há quase duzentos anos, é muito importante para a época atual. Em seu livro, J. Bentham propõe um plano para a prisão ideal: inspeção permanente dos prisioneiros e dos vigias; células construídas com grades (em vez de portas opacas) ao redor de uma torre central de vigilância. Suas ideias inspiraram a construção das prisões de segurança máxima que, nos dias atuais, se distinguem por sua segurança perimétrica, os muros largos com torres de guarda, seus holofotes e uma vigilância de alto nível eletrônico.

---

2 Em uma reserva natural na Nova Zelândia, meu filho viu um cartaz que visava além da conservação ou da ecologia: "O verdadeiro ecologista sabe que ele não recebeu o mundo como um presente de seus pais, ele o tomou emprestado de seus filhos".

Os indivíduos são classificados e etiquetados segundo exames gerais muito aprofundados e de acordo com medidas de predição. Os prontuários têm importante papel. As relações de cumplicidade entre prisioneiros e guardas e a informação são a política de base. O controle depende do ambiente físico (por exemplo, o mobiliário construído dentro dos muros) e do ambiente fisiológico (tranquilizantes). Os detentos só podem mudar de setor quando acompanhados dos agentes ou quando obtêm passe livre. Há muitos postos de verificação. A vigilância por vídeo é onipresente. Os detentos podem ser vigiados no banho e no banheiro. Eles são contados e revistados sistematicamente.

As condições extremas de uma prisão de segurança máxima podem nos ajudar a compreender a sociedade em geral. Muitos dos meios de controle que se encontram nas prisões e nos sistemas de Justiça criminal se espalham atualmente na sociedade. As técnicas e o *"ethos"* que, outrora, se aplicavam apenas a suspeitos ou a prisioneiros agora se aplicam nas circunstâncias mais benignas. É importante se perguntar se a evolução recente da tecnologia, da cultura e da organização social não nos empurra a tornar-nos uma sociedade de segurança máxima.

À medida que o "*ethos"* da prisão se difunde mais na sociedade em geral, a necessidade de verdadeiras prisões poderá diminuir. A sociedade se torna a alternativa funcional à prisão. É o que deseja há muito tempo o movimento de reforma pela reabilitação na comunidade. Mas esse movimento não previu que a população em geral tornar-se-ia, em certo sentido, prisioneira da mesma forma que os condenados pela Justiça.

A tendência nos Estados Unidos, e talvez em outras democracias industriais, é de se aproximar, mais do que se distanciar, da sociedade de segurança máxima. A cientificização do trabalho policial (Erikson; Shearing, 1986) oferece, ao mesmo tempo, novos métodos e meios de legitimar o trabalho da polícia. É, a uma só vez, um instrumento e uma ideologia. Nós nos encontramos diante de um desafio intelectual maior, para compreender como e a

que ponto as sociedades democráticas tradicionais estão à mercê da destruição da liberdade por meio de técnicas de aparência não violenta.

Eu não considero aqui os Estados policiais tradicionais, nem de direita nem de esquerda, pois tal análise não nos traria nada de novo. Aliás, a história de seus sistemas de repressão indica que eles são mantidos por uma tecnologia, sobretudo, primária, ainda que ela esteja evidentemente em vias de mudança nos dias de hoje.

Na sociedade de segurança máxima, não há distinção entre público e privado: nós estamos sob observação permanente, tudo é transcrito em um dossiê definitivo, e muito do que dizemos, fazemos e pensamos é conhecido e registrado por pessoas que nós não conhecemos; queiramos ou não, saibamos ou não. Pode-se agrupar e analisar as informações coletadas a partir de regiões, organismos e épocas cronológicas muito distantes uns dos outros. O controle preventivo está impregnado de um sistema no qual os informantes, os dossiês e a classificação predominam.

Ao mesmo tempo em que ela penetra como um *laser*, a vigilância absorve como uma esponja. Reagrupa-se e se estende à sociedade em geral a vigilância intensiva, que normalmente aplicar-se-ia somente à investigação de suspeitos criminais, em caso de espionagem, ou a prisioneiros.

Os elementos do "eu" são remodelados de maneira sutil na forma de objetos comerciais e distribuídos, apesar deles, aos especialistas[3]. O indivíduo conhece menos, controla menos sua própria pessoa e deve se contentar com um papel mais passivo diante dos especialistas que manipulam as alavancas da máquina[4]. Por meio de um processo abstrato, distante, despersonalizado,

3 Jean-Paul Brodeur (1983) observou que "o cuidado torna-se objetivado e o ser interior foi expulso pela tecnologia da informação".
4 Veja como exemplo a discussão de Egon Bittner (1983) sobre o papel da tecnologia na sociedade contemporânea.

automático, burocrático e, em grande parte, invisível e incompreensível, a máquina cria informações e pode igualmente provocar ações[5].

A tecnologia torna-se cada vez mais penetrante, intrusiva e precisa[6]. Como Stan Cohen observou, nós podemos imaginar a rede de coleta de informações como uma rede de pesca cujas tramas estão apertadas e reforçadas. Ao monopólio do Estado sobre os meios da violência se une, atualmente, um monopólio sobre os meios de coletar e de analisar informações – que até poderia ultrapassar o primeiro.

O controle se simboliza antes pela manipulação que pela coerção; pelos *computer chips* que pelas grades da prisão; pelos cordéis invisíveis manejados de longe que pelas algemas e camisas de força. Paradoxalmente, vemos a fusão das formas centralizadas e descentralizadas. Segundo Foucault (1977), o controle não se exerce de longe como o poder monárquico; ele se exprime, sobretudo, no interior das relações e dos meios sociais a controlar. Tal como um simulador cardíaco, ele se implanta no coração do contexto a regular (manejar/gerir).

A "sociedade de segurança máxima" compreende seis subsociedades aparentes:

a) uma sociedade programada;
b) uma sociedade de arquivos (dossiês);
c) uma sociedade atuarial ou previsível;
d) uma sociedade porosa;
e) uma sociedade de autovigilância;

---

5 Tal ação pode ser imediata: uma descoberta no computador provoca a anulação de prestações sociais e gera uma senha de computador que previne o culpado do ato, ou um caixa automático não devolve o cartão se houver um erro repetido da senha.

6 Tomemos, por exemplo, a mudança de identificação na coleta de sangue. Antes, só era possível excluir um suspeito quando não se podia demonstrar que os tipos de sangue não eram correspondentes. Hoje, pela análise de DNA, torna-se possível uma identificação positiva. Isso reduz a possibilidade de uma condenação errônea e aumenta o número de condenações de culpados, mas, ao mesmo tempo, pode levar a uma triagem do grande público.

f) uma sociedade desconfiada.

Consideremos esses seis elementos maiores.

SOCIEDADE PROGRAMADA

Em uma sociedade programada, as escolhas se limitam e se determinam graças ao ambiente físico e social. O objetivo é programar a eliminação dos problemas. Para chegar lá, ou se endurece mais o alvo (*target hardening*) ou se enfraquece o suspeito (*target weakening*) ou se os eliminam completamente. Por que se cansar com a custosa tarefa de encontrar as infrações e os infratores se podemos nos prevenir deles?[7] Nesta sociedade, o sistema jurídico criminal é concebido como um anacronismo que serve para acabar com os feridos depois de uma batalha.

Os casos mais evidentes são aqueles que se referem aos corpos: utiliza-se a psicocirurgia para os violentos; a castração cirúrgica ou química para os delinquentes sexuais; cortam-se as mãos dos batedores de carteira; e prescreve-se *trexan*[i], derivado da morfina, aos que consomem heroína ou o *antabuse*[ii] para os alcoólicos[8]; tranquilizantes aos doentes mentais; e *depo-provera*[iii] nos hospitais para mudar as taxas hormonais. Em outro setor, aperfeiçoam-se as fechaduras e as caixas-fortes de bancos ou modifica-se a arquitetura, construindo áreas térreas sem janelas. Instalam-se barreiras "antiagressão" (de vidros ou acrílicos resistentes a tiros) que impedem os assaltantes de pular por cima dos balcões. Medidas mais radicais eliminam os assaltos, suprimindo o

7 A ideia de prevenção por meio da "orquestração" do ambiente físico existe há muito tempo (por exemplo, a história das trancas ou das marcas indeléveis sobre a propriedade ou as pessoas). O que há de novo é a escala empresarial, os recursos que lhe são disponíveis e sua prioridade como objetivo. Ao mesmo tempo, a pronta atenção de vigiar os vigias aumenta. Consultar Shearing e Stenning (1984) para exemplificar a manipulação do ambiente no *World Disney*, na Flórida.

8 O primeiro impede a embriaguez, e o segundo faz vomitar.

dinheiro (*cash*), evoluindo para as transações de venda ao varejo sem dinheiro líquido, graças aos cartões de crédito (ou atualmente de débito).

Os reguladores mecânicos que limitam a velocidade dos caminhões e dos ônibus e os sistemas antirroubo incorporados pelos automóveis são outro exemplo. Existe um aparelho acoplado ao contato que detecta, pela análise do hálito, os intoxicados[9]. Uma técnica que se espalha consiste em bloquear as chamadas telefônicas restringindo o tipo de chamada para certos usuários e a partir de certos aparelhos (por exemplo, o aparelho pode ser programado para bloquear chamadas de longa distância ou os números mais utilizados).

Nos casos em que é materialmente impossível ou muito custoso prevenir a infração, pode-se programar o sistema para impedir que o criminoso usufrua de seus crimes. Documenta-se o evento, busca-se aquele que comete a infração, o culpado ou, pelo menos, é identificado. Aqui alguns exemplos: pacotes ou ampolas de tinta vermelha que explodem para sujar o dinheiro roubado de um banco, as embalagens de segurança de alimentos que arrebentam se alguém as trafica, uma supercola que, literalmente, cola no lugar aqueles que entram sem autorização, e toda uma gama de aparelhos (acessos de identificação biométrica) baseados na voz, nas impressões digitais, na foto, nas assinaturas e na tipografia da máquina de escrever.

SOCIEDADE DE ARQUIVOS

Já se conhecem muitos fatos em relação à sociedade de arquivos. Os arquivos de computador, assim como o que Keneth Laudon (1986) chama de nossa "imagem de dados", estão na base do funcionamento da sociedade. É possível que a Suécia represente o protótipo da sociedade de arquivos com

9 Para contornar esse dispositivo, conserva-se o "ar limpo" em um balão, liga-se o carro antes de beber ou um colega que não está embriagado liga o carro.

seu identificador universal e mais de cem bancos de dados governamentais para cada adulto.

As companhias de cartão de crédito, as linhas aéreas, os hotéis e as agências de locação de carros registram nossas despesas assim como os lugares e a duração de nossos deslocamentos. Os prontuários de saúde são postos cada vez mais nos computadores: mais de nove americanos em um grupo de dez têm apólices de seguro individual ou em grupo. Até os farmacêuticos começam a criar arquivos sobre os medicamentos consumidos por cada paciente e sobre seu perfil de saúde. As operações bancárias individuais são cada vez mais realizadas em caixas eletrônicos e pela autorização eletrônica de cheques e de cartões de crédito. A transferência eletrônica tornou-se a operação de base dos bancos. As operações sem *cash* (transferências de fundos no local) representam uma porcentagem crescente de todas as vendas. A importância e a extensão dos bancos de dados da Justiça criminal, como o Centro Nacional de Justiça Criminal do FBI, continuam a crescer[10].

Além do fato de que a quantidade de informações disponíveis aumentou, o fenômeno do computador transformou a natureza da vigilância de maneira qualitativa. Antes da chegada do computador, os burocratas verificavam os arquivos antes por seus erros, suas contradições ou pelas informações que faltavam. Mas, com o computador, a vigilância tornou-se rotineira, ampliada e aprofundada. Fragmentos espalhados, informações que, no passado, não ameaçavam a vida privada e o anonimato do indivíduo podem agora ser agrupados. As memórias organizacionais se estendem pelo tempo e espaço. As observações tomam uma qualidade de textura, de dimensão estofada. Mais que visar o indivíduo separadamente – em um momento preciso no tempo

10 Nos Estados Unidos, um Comitê de Conselho (Federal) aprovou uma expansão desse sistema que permitirá aos agentes encarregados da aplicação da lei trocar informações sobre os "indivíduos suspeitos" que não foram culpados e julgados. Uma simples verificação do nome é suficiente para saber se outras agências solicitaram informações sobre a mesma pessoa. Uma proposição para ligar o Centro Nacional de Informação Criminal aos bancos de dados do setor privado foi, no entanto, rejeitada.

e segundo os dados demográficos estáticos, como a data de nascimento –, a vigilância compreende análises transnacionais, cada vez mais complexas, que correlacionam pessoas e eventos (por exemplo, a sincronização de chamadas telefônicas, de deslocamentos, de pagamentos bancários).

Existe, atualmente, uma nova e próspera indústria, à base de computadores, que vende as informações retiradas ("abutres de dados") de fontes tais como: carteira de habilitação, registros de nascimento, certidões de casamento e óbito, títulos de propriedade, anuários telefônicos e arquivos de recenseamento.

Torna-se impossível escapar de seu passado e corre-se o risco do estigma definitivo. Alexandre Soljenitsyne ressaltou:

> "No curso de sua vida, cada homem preenche certo número de formulários para os registros e cada formulário contém certo número de questões... há centenas de pequenos fios que se difundem de cada homem, em milhões de fios... Eles não são visíveis, eles não são tangíveis... mas cada homem é constantemente consciente de sua existência... E para cada homem que é consciente para sempre de seus próprios fios invisíveis, é normal cultivar certo respeito para com aqueles que manipulam os registros".

SOCIEDADE ATUARIAL

Estritamente ligada ao computador, encontra-se a sociedade atuarial ou previsível, na qual as decisões nos dizem respeito não como indivíduos únicos ou segundo nossa conduta atual, mas como membros de uma categoria estatística com uma dada probabilidade de agir de maneira previsível no futuro.

Os domínios em expansão da inteligência artificial e da rede de especialistas são essenciais nessa sociedade. Desde a última década, no domínio da Justiça criminal, a previsão do risco pelo computador, assim como outras

formas de previsão similares, tornou-se bastante comum. Classificam-se os detentos e se lhes determina sua liberdade, vigiada ou condicional, por meio de sistemas complexos. Além disso, a utilização de perfis previsíveis para permitir a entrada e a saída de pessoas no sistema (e para determinar como serão tratadas no interior deste) se estende a um número crescente de domínios – empréstimos bancários, créditos ao consumidor, seguros, empregos, cuidados médicos, acesso a escolas e universidades.

SOCIEDADE DE AUTOVIGILÂNCIA

Em uma sociedade de autovigilância, os vigiados se encarregam de maneira ativa de sua própria vigilância, ainda que eles não o façam sempre voluntariamente ou com conhecimento de causa. É o *summum* do controle social descentralizado, que se conforma à tendência de generalizar o controle. Espera-se, de modo geral, uma função de segurança de todos (que as pessoas se vigiem e vigiem aos outros) e não apenas daqueles que são oficialmente designados como agentes do controle.

Com frequência, a autovigilância se ativa automaticamente. Nós nos tornamos, a um grau sem precedentes, os conspiradores de nossa própria vigilância – seja na condição de trabalho, no deslocamento de avião, nas prestações sociais, nas voltas nos centros comerciais, nas compras de consumo ou nas chamadas telefônicas. Nós parecemos cada vez mais prontos, ou mesmo impacientes, para oferecer informações pessoais e de nos submeter à autoinvestigação graças às vantagens que imaginamos tirar disso[11].

---

11 Evidentemente, em certas situações, as pessoas apenas se conformam voluntariamente de forma superficial, independentemente do que dizem as autoridades para legitimar esse tipo de procedimento. A distinção entre o constrangimento e a cooperação voluntária parece cada vez mais fluida. É possível que a publicidade influencie as pessoas, convencendo-as de que é necessário haver coisas prejudiciais ou destrutivas. Às vezes, as pessoas fornecem dados ou se submetem aos detectores de mentira ou a outros testes "voluntariamente" unicamente por acreditarem que perderão seus trabalhos ou seu prêmio de segurança social. Por exemplo, a propósito de sua política de testar candidatos sobre drogas, o porta-voz da IBM declarou: "Cabe ao candidato decidir – ele não é forçado de se submeter ao

As redes de vigilância podem se desencadear diretamente assim que qualquer um ande, fale ao telefone, ligue a televisão, passe com um artigo com etiqueta magnética (seja um livro de biblioteca ou um artigo de consumo) por um ponto de vigilância e assim que alguém entre ou saia de um lugar controlado. Os sistemas de detecção de voz e de linguagem que gravam e enviam uma mensagem assim que certas palavras aparecem, os receptores de bolso (*station message detail recording*), a vigilância por vídeo, os cartões de controle de acesso, a vigilância computadorizada e os controles de drogas são alguns exemplos suplementares. Quando o presidente dos Estados Unidos e os membros de seu gabinete fornecem, voluntariamente, amostras de urina para provar a ausência de drogas, eles fornecem ao mesmo tempo o exemplo mais estranho e mais surreal da década da vigilância pela participação[12]. Notemos também o caso do político que lançou a seu adversário o desafio de um exame de urina para provar que ele não se drogava. Existe também toda uma gama de "kits" de vigilância em domicílio. Atualmente, existem cartões de bolso nos quais se podem armazenar até oitocentas páginas de informação.

Existem, cada vez mais, linhas diretas (*hot lines*) para sinalizar, a respeito de outros ou sobre si mesmo, uma importante gama de comportamentos problemáticos relativos a drogas, suicídio, estado de depressão, crime. Os telefones de carros, de jardins, de banheiros, a retransmissão de chamadas e a gravação de mensagens facilitam ainda mais a tarefa.

É necessário também mencionar as formas intermediárias de comunicação subliminar. Sem ir até Sob o Domínio do Mal (*Manchurian Candidate*),

---

teste – mas é necessário fazê-lo se quiser ser considerado para o emprego" (*Denver Post*, 07/02/1985). No mesmo estilo, os painéis de entrada dos edifícios de governo nos Estados Unidos anunciam que aqueles que entram devem aceitar que suas bolsas e pacotes sejam revistados. Os painéis existem por razões legais, mas sua lógica deixa a desejar, posto que os que são sujeitos à inspeção entram no edifício por necessidade. Pode-se escrever um interessante estudo sobre as crescentes exigências de relatórios obrigatórios ao governo, começando por impostos e leis que se referem ao recrutamento militar.

12 Este não é o tipo de "saída" que os empregados governamentais fornecem tradicionalmente.

exemplo extremo da ficção científica, encontramos na vida cotidiana músicas nas grandes lojas com mensagens escondidas que dizem "não roube", "seja honesto". Nós temos programações de computador destinadas a serem transmitidas por terminais de vídeo que podem projetar mensagens em *flash*, como "meu mundo é prazeroso". Contudo, sem, no entanto, que o saibam os ouvintes/espectadores/receptores, a mensagem pode também ser: "Se você os ama, compre para eles presentes caros", "trabalhe mais rápido" ou "vote sim". Nós estamos no seio de uma sutil autoprogramação.

Ligados à autovigilância, encontram-se os "meios de comunicação de massa" (*mass media*). É pouco prático e muito custoso ao Estado vigiar todo o mundo constantemente. É muito mais eficaz captar a atenção do público por meio de um estímulo que transmite mensagens diretas e indiretas sobre a conduta correta a seguir, acompanhadas de contos morais sobre a sorte dos que se afastam do caminho (correto)[13].

SOCIEDADE POROSA

Na sociedade porosa, nossos sentimentos, pensamentos e ações tornam-se visíveis. Nela, as fugas de informação se desencadeiam. As barreiras e as fronteiras – de distância, obscuridade e tempo, os muros, as janelas e mesmo a pele –, todas fundamentais à nossa concepção de discrição, da liberdade e da individualidade, desmoronam-se[14].

A vigilância pode ser realizada de longe, sem visibilidade e com baixo custo. Ela se torna cada vez mais intensa, expandida e categórica. Como na descoberta do átomo ou do inconsciente, as novas técnicas de controle trazem à superfície fragmentos da realidade, antes escondidos ou que não divulgavam

---

13 Rule (1983) observa que os meios de comunicação de massa e a vigilância de massas fazem parte de uma mobilização mais ampla da população, no interior da qual se intensificam os laços diretos entre as instituições centrais e os cidadãos.

14 As técnicas utilizadas aqui constituem a "nova vigilância". Essa parte foi extraída de Marx (1986). Consultar também Landreville (1987) e Ball, Huff e Lilly (*no prelo*).

as probabilidades de informação. As pessoas estão, em certo sentido, voltadas ao avesso, e o que era invisível e sem importância torna-se visível e importante. A vigilância pode compreender os aparelhos de detecção da era espacial, que analisam o calor, a luz, a pressão, o movimento, o odor e os processos químicos e psicológicos que dão sentido às emanações físicas. Isso se soma ao sentido atribuído às características e aos comportamentos individuais visíveis, quando julgados em relação a um perfil previsto sobre dados coletivos.

Quando se fundem o pan-ótico e o pan-auditivo, o pan-sensorial e toda uma coleção de aparelhos panorâmicos, obtém-se um dossiê muito compreensível. Tomemos o exemplo dos indicadores múltiplos que se encontram nos sistemas de segurança das redes de lojas abertas vinte e quatro horas. Os ditos *sistemas integrados de gerenciamento de segurança* que existem atualmente oferecem informações audiovisuais e digitais sobre o comportamento de empregados e clientes[15]. Para os participantes de *Behavior Sean* (uma experiência de pesquisa de *marketing*), o que eles assistem na televisão é posto em correlação com seus registros de consumo. Tenta-se ligar os *bips* eletrônicos utilizados nas casas de custódia com análises de hálito e sistemas de vídeo.

Tanto quanto as obras e peças que servem à produção em cadeia, os dados de vigilância tornam-se uniformizados – seja nos arquivos de computador, nas fitas magnéticas, de vídeo, nas "assinaturas" biométricas. A informação se converte em forma digital, fácil de transportar, de reproduzir e de transferir.

A sociedade porosa é bem ilustrada na música *Every breath you take*, um sucesso do célebre grupo de rock *Police*. Ela é antes uma canção de amor que uma canção de contestação, mas ela apreende bem os elementos de uma nova vigilância – como nos versos seguintes:

---

15 Por exemplo, a informação pode ser gravada a partir de inscrições na caixa registradora, de voz, de movimentos, de pessoas andando sobre um tapete com um detector. Os sistemas de alarme e os registros de áudio ou vídeo podem ser programados para responder a um grande número de mecanismos de desencadeamento.

Every breath you take – Cada vez que você respira (análise do hálito)

Every move you make – Cada movimento que você faz (detector de movimento)

Every bond you break – Cada vínculo que você quebra (polígrafo)

Every step you take – Cada passo que você toma (tornozeleira eletrônica)

Every single day – Cada dia (vigilância contínua)*Every word you say* – Cada palavra que você diz (microfones escondidos/secretos)

Every night you stay – Cada noite que você fica (amplificador de luz)

Every vow you break – Cada promessa que você quebra (análise de voz)

Every smile you fake – Cada sorriso que você finge (análise de ondas cerebrais)

Every claim you stake – Cada vez que você reclama (acoplar pelo computador)

Se o autor da música a tivesse escrito alguns anos depois, ele adicionaria: "Cada vez que você vai ao banheiro", "cada piscada de olho que você dá", "cada amostra de sangue que é tirada de você", "cada vez que cortam seu cabelo", para incluir os testes de drogas pela análise de urina, de cabelo e de ondas cerebrais[16].

SOCIEDADE DE SUSPEIÇÃO

O essencial da sociedade de suspeição é ilustrado em uma inversão verbal do romance *Gorky Park*. O inspetor de polícia pergunta ao personagem principal de quem ele suspeitava quanto ao roubo de seus patins de gelo. Ele responde: "Todo mundo". O inspetor replica: "Eu também". No desenrolar do pesadelo kafkiano, a sociedade moderna, ela também, suspeita cada vez mais

16 Uma técnica que pretende detectar a droga pela análise de uma mecha de cabelo, outra pretende determinar, entre seis tipos de drogas, aquela e em que quantidade ela se encontra no "sistema/corpo" de alguém, analisando o movimento dos olhos. Pode-se utilizar a técnica *radio immunoassay* para extrair o resíduo da droga de uma mecha de cabelo. Como os anéis de um tronco de árvore, a distância da raiz oferece também uma prova do tempo. Como explicou um entusiasta partidário: "O que há de maravilhoso na técnica é que não se pode diluir, há tantas amostras quanto queremos e, diferente da amostra de urina, o suspeito não é humilhado".

de todo mundo, o tempo todo. A câmera, o gravador, a carteira de identidade, o detector de metal, o formulário de imposto obrigatório que deve ser preenchido mesmo que não se tenha renda e, certamente, o computador tem todos a seu alcance como alvo de vigilância. Para parafrasear uma célebre observação: "A suspeição, como a chuva, cai da mesma forma sobre os inocentes que sobre os culpados". A suposição napoleônica, em que todo mundo é culpado até que se prove o contrário, estende-se além da Justiça criminal e dos países francófonos.

A tecnologia barata facilita a desconfiança categórica ao permitir uma vigilância contínua e compreensiva, assim como uma visão cética da ciência. Pode-se refutar uma afirmação empírica, mas não se pode prová-la. Em um filme de Wood Allen, a propósito da era Joseph MacCarthy nos Estados Unidos, há um diálogo clássico. Um investigador diz, a respeito de um personagem: "Não há prova de que ele seja comunista, mas não há provas de que ele não seja". O que é verdade hoje não será necessariamente amanhã. Mesmo um polígrafo e um teste de droga ou de Aids são válidos no momento em que se utiliza, mas não necessariamente o serão dois meses mais tarde.

O *leitmotiv* que se encontra em tudo o que foi dito anteriormente é aquele da prevenção das infrações. As tecnologias que excedem as barreiras, que tradicionalmente obrigariam a polícia a esperar que uma infração fosse cometida antes de intervir, e as tecnologias preventivas reforçam esse trabalho[17]. Antes de reagir ao que nos é servido, as estratégias de antecipação buscam reduzir o risco e a incerteza.

A organização burocrática e o gerenciamento moderno conformam a ideia da racionalidade tentando tornar o controle mais previsível, certo e eficaz. Deixa-se o menos possível ao acaso. O controle se estende a um número crescente de elementos do ambiente. À imagem abertamente hostil do controle

17 Consultar, por exemplo, Stinchcombe (1963) sobre o papel das barreiras espaciais para manter a intimidade (vida privada).

social – no qual as autoridades se distinguem por seus uniformes e seus atos coercitivos – se une uma imagem mais velada, mais manipuladora.

A BOA E A MÁ NOTÍCIA

Quando sugiro um paralelo entre a segurança máxima da prisão e a sociedade contemporânea, eu o faço metaforicamente[18]. Aquela representa um tipo ideal em relação ao qual julgamos a proximidade e a distância de uma dada sociedade ou de um dado método. Certas sociedades se aproximam mais disso que outras, e os estabelecimentos variam muito em sua capacidade de criar tais condições.

Há, certamente, um passo de gigante da sociedade contemporânea em direção à gaiola de ferro de um porvir totalitário. Eu não sou de todo pessimista, mas é importante ver o quadro por inteiro e ver, nas mudanças da Justiça criminal, o início de um conjunto de condições que bem poderiam modificar nossas instituições e nossos valores de base.

Eu não sugiro que todas as novidades sejam ruins e não estou pronto a admitir que B. Brecht tinha razão ao dizer que "a pessoa que sorri é aquela que não entendeu ainda a má notícia". O tema é fascinante graças a suas implicações contraditórias e ao fato de que os valores estão em conflito.

É possível que a orquestração social previna a vitimização e que os gastos de recursos pelos agentes de controle, após o fato, não sejam necessários. Esta poderia canalizar seja a conduta dos agentes de controle seja daqueles que eles vigiam. Ela pode aumentar a responsabilidade entre os dois grupos com um arquivo (dossiê) e uma identificação de cada ator. No entanto, a liberdade de inovar, tanto de maneira positiva quanto de maneira negativa, é reduzida.

---

18 A ala de cuidados intensivos de um hospital fornece uma imagem similar. De forma mais geral, segundo Irving Goffman (1961), a sociedade torna-se "uma instituição total". Servir-se de uma metáfora ampla pode ser um meio útil de comunicar a presença de problemas sociais latentes.

A sociedade poderá tornar-se menos humana e mais mecânica. As pessoas já são socializadas ao ponto de aceitar o conformismo como sendo legítimo. Não há a necessidade de se perguntar onde estão as raízes da motivação do desvio. Um sistema social baseado no conformismo provocado por meios técnicos externos será, provavelmente, muito instável.

A sociedade de arquivos pode estender as memórias das organizações de maneira positiva, identificando as lojas que receberam os produtos em caixas contaminadas, reduzindo a fraude no sistema de segurança social, impedindo motoristas irresponsáveis de continuar na estrada, impedindo autores de desvios de fundos de trabalharem em bancos ou adaptando melhor os serviços às necessidades. Mas isso quer também dizer que ninguém poderá mais escapar ao seu passado, mesmo que já se tenha pagado sua dívida com a sociedade. Por receio de que possa aparecer em seu prontuário, certas pessoas poderão evitar conselhos psiquiátricos mesmo que necessitem deles. Elas poderão não questionar as condições de moradia e de trabalho por receio de que serão encontradas por um banco de dados. Arriscar, inovar será menos feito. A impressão subjetiva de ser vigiado estará em alta, e o sentimento de liberdade estará em baixa.

Em muitos casos, as decisões tomadas com a ajuda da ciência atuarial apresentam maior probabilidade de serem justas. Apostas sobre grandes números é uma estratégia de base da sociedade. Ela pode eliminar a discriminação flagrante com base em fatores abertamente racistas e sexistas. Mas, em matéria de justiça, de saúde ou de emprego, esta pode custar caro ao indivíduo estatisticamente atípico. As decisões tomadas a partir de critérios de grupos podem estar em conflito com as noções de justiça e de equidade (*devido processo*) e com o direito de ser julgado como indivíduo. O que é racional para o coletivo ou para a coletividade poderia ser injusto, mesmo falso, em um caso individual. As decisões poderiam ser tomadas não a partir de um indivíduo completo e de um julgamento humano, mas automaticamente, a

partir de imagens de dados impessoais e desencarnados, devido a um sistema especializado (*expert system*).

A sociedade porosa se baseia em princípios de visibilidade, por natureza, democráticos: por obrigar os indivíduos e as organizações a serem responsáveis, são-nos necessárias a transparência e a documentação. Ao esconder as coisas, pode-se produzir e proteger os atos infames e os erros. A noção francesa de "transparência" refere-se à informação que se encontra nos bancos pessoais de dados tanto quanto no Ato de Livre Utilização da Informação (*The Freedom of Information Act*) nos Estados Unidos, que indicam que há a consciência desse problema. Essa é a razão de ser dos *paper trails*[19] e de uma gama de aparelhos de vigilância para controlar os controladores. Mas as técnicas contemporâneas de vigilância podem ser intrusivas e indiscretas e podem prejudicar a vida privada, a liberdade e a dignidade.

Pode-se conceber a autovigilância como a forma mais evoluída de controle social, pois ela é voluntária. Por sua natureza descentralizada, ela é provavelmente também a menos cara. No entanto, se não se considera a sociedade justa, ela pode ser considerada a última degradação, à medida que os indivíduos manipulados cavam sua própria sepultura. A compulsão subjacente é camuflada e se acredita em uma falsa consciência. Aqueles que observam a fragilidade da sociedade democrática assinalaram, há muito tempo, a importância de uma vigilância e de uma desconfiança saudável em relação àqueles que a dirigem. Ser cético e não acreditar nas aparências do mundo são ingredientes de sabedoria e de progresso científico. Mas, levada ao extremo, a suspeição destrói a comunidade e a confiança de base das construtivas relações humanas.

O empresário do ex-campeão do mundo de boxe, na categoria peso-pesado, Sonny Liston, observou: "Há muitas boas qualidades. São as más

---

19 Entre estes estão os sistemas para localizar pessoas e veículos, exemplificados por: vigilância de áudio e/ou visual das *police booking areas*, comunicação por telefone e por rádio, testes para drogas e polígrafos.

qualidades que não são tão boas". Este é o caso das novas tecnologias. O fato de que existe um lado positivo não merece um otimismo desenfreado. As vantagens em curto prazo são em geral mais evidentes que os custos em longo prazo. Por outro lado, as forças ideológicas e econômicas que preconizam a mudança técnica são geralmente mais poderosas que aquelas que sustentam a prudência e a restrição[20].

Nós nos encontramos na aurora (ou, visto de outra perspectiva, no crepúsculo) de uma nova era de tecnocontrole. A tecnologia não vai desaparecer. Mas, sem tirar o balão da vista, é necessário vigiar rigorosamente todo o terreno. É necessário levar em consideração que o que faz crescer uma árvore isolada pode ser nocivo, em longo prazo, para a floresta inteira. É necessário que sejamos tão conscientes dos perigos quanto o somos das vantagens e devemos manter o equilíbrio apropriado entre os meios e os fins. Nossa capacidade de agir assim é aumentada pela análise crítica de suposições que cercam a tecnologia.

TECNOERROS (SOFISMAS)

O que será dito a seguir busca apresentar um quadro vasto o bastante para abordar essas mudanças. É uma macroperspectiva feita para sensibilizar. Eu gostaria agora de formular algumas observações mais específicas destinadas a guiar a política em certos contextos particulares.

Nós gravitamos em direção a uma sociedade de segurança máxima com certo número de suposições, sejam empíricas, sejam axiológicas, que considero falsas. Antes de aceitar as inovações técnicas, é importante examinar as suposições sobre as quais elas se apoiam, sejam elas empíricas, sejam axiológicas. Examinemo-las.

---

20 É interessante observar que os criminólogos, que são os primeiros a propor mudanças em outros domínios, em geral adotam a postura mais conservadora quando se tratam desses problemas críticos.

1) *A ilusão da refeição gratuita ou do tratamento dentário sem dor;* dito de outra forma, o fato de acreditar em soluções sem custos. Todo gasto de recursos preciosos compreende, de partida, ocasiões perdidas. Todo o formato, toda a estrutura canaliza e exclui a um só tempo. Um bom perfil de computador pode, por exemplo, aumentar o número de prisões entre os menos competentes, mas, em contrapartida, pode, para os delinquentes que conhecem o sistema, ajudá-los a evitar a detenção.
2) *À ilusão da refeição gratuita se soma o erro da quantificação* (que determina os custos e as vantagens em termos de coisas fáceis de medir). Este se reduz frequentemente ao dinheiro. Nos Estados Unidos, o papel dominante dos economistas, em relação aos filósofos e aos especialistas das ciências sociais, é determinante nesse problema. Para ilustrar, eu tomo como exemplo qualquer pessoa para quem a pena de morte se baseie sobre os custos respectivos da execução do condenado e da manutenção de sua vida. Segundo um recente estudo nos Estados Unidos, a primeira solução seria menos custosa.
3) *O erro do curto prazo compreende a tendência de só ver o período atual.* Nós estamos conscientes desse problema quando ele se trata da exploração da natureza, mas ele também é real nas práticas sociais. Ele é mais provável nas sociedades pragmáticas com as políticas eleitorais que insistem sobre a mobilidade social do indivíduo.
4) *O erro de redispor as regatas sobre o Titanic antes de espreitar os* icebergs. Ela pode provir de um erro sobre o problema a solucionar ou de uma análise ruim das causas. Aquela pode querer dizer que se opta antes pelo tratamento de sintomas que pela busca das causas. Os reparos técnicos (melhoria dos *hardwares* de segurança ou o modo psicológico de abordar os problemas) não representam mais que tapa-buracos. Deve-se reforçá-los, dando atenção às causas mais profundas e à imagem mais completa.

5) *A falsa ideia de que os fins nunca determinam os meios*. Para qualquer um que tenha um martelo em mãos, o mundo parece um prego. O fato de poder fazer qualquer coisa cria a necessidade de fazê-la, sem considerar as consequências indesejáveis e não previstas. Segundo um Superintendente da Polícia do Estado de Nova Iorque: "Se nós dispomos da tecnologia, por que não nos servimos dela?".[21] O presidente Truman teria dito algo muito semelhante em relação à bomba atômica. Existem comissários de polícia que acham que o computador ajuda muito a perceber a soma de contravenções e de infrações de trânsito. É um trabalho relativamente correto e que cria estatísticas de sucesso muito impressionantes. Pode resultar disso o reforço da aplicação da lei no que se refere ao código de trânsito em detrimento dos objetivos tradicionais da polícia. Os problemas devem desencadear pesquisas de solução, e não o inverso.

6) *A falsa ideia de poder conter ou evitar a escalada (ou a falsa ideia de que a tecnologia permanecerá sempre a solução, mais do que se tornar o problema)*. Contrariamente à solução do Dr. Frankenstein, essa ideia consiste em acreditar que nós podemos controlar a tecnologia, e não o inverso. Quando se trata de vender a ideia ao público, os poderosos e potencialmente ameaçadores meios são estendidos a condições muito limitadas ou unicamente contra os delitos mais graves. Mas as táticas que se aplicam em princípio aos animais poder-se-ão se aplicar depois aos prisioneiros, em seguida, às pessoas que dependem da segurança social e às crianças e, por fim, ao grande público.

7) *A falsa ideia de que as despesas crescentes e a tecnologia mais poderosa continuarão a oferecer um rendimento linear*. Ou, como um cartaz para crianças que nos representa isso mostrando um barco, cheio de hipopótamos, que vaza: "*Mais não é sempre melhor*". Contrariamente à

21 Trata-se aqui de expandir a vigilância por sistema, mencionado na nota 10.

nossa tradição de edificação, esse pode ser o caso quando ele se trata de informação (Michael, 1984). É possível que se sofra de superabundância de informações e, da mesma forma que os medicamentos, pode haver vícios de origem[22].

8) *A falsa ideia da vitória definitiva*. A ideia de uma luta contra o crime, em que há uma vitória definitiva, ignora o papel da intervenção humana em uma economia de livre mercado com proteção dos direitos civis. Não existe solução encontrada por um grupo de pessoas inteligentes que não possa ser contornada por outro grupo igualmente inteligente, senão por meios técnicos ou pelo menos por meios tradicionais de corrupção e de comprometimento dos agentes de controle social. Aquilo compreende também a troca de vantagens de todas as soluções. As dialéticas paralelas aparecem quando novas formas de controle do desvio geram novos esforços por parte dos controladores ou dos violadores para neutralizá-los. Assim, o sistema antirroubo de carros por bloqueio de direção cedeu rapidamente à frente de um instrumento que contorna essa astúcia, enquanto o polígrafo e o teste para a detecção de drogas se tornam de domínio público.

9) *A falsa ideia do dispositivo de segurança 100% garantido (fail-safe). Trata-se aqui da crença de que as máquinas não são passíveis de erros e não podem ser enganadas*[23]. Porém, pode-se colocar em questão sua

22 Por exemplo, os *lasers* e outras técnicas para coletar impressões digitais podem, a largo prazo, atingir uma taxa de sucesso bastante elevada, mas acompanhada de um grande gasto de recursos e de uma investigação sobre inocentes cujas digitais encontrar-se-ão entre as dos culpados.

23 A fonte de limitações pode variar. O *computer matching* pode encontrar correlações válidas, mas não pode ser mais justo que os dados de origem que foram coletados e que podem já estar ultrapassados ou podem conter erros de origem. Os dados utilizados são bastante brutos e fora de contexto. As análises químicas que podem identificar corretamente as drogas, se encontradas no corpo de qualquer pessoa, não explicam como elas chegaram lá. Assim, o THC pode estar no sangue porque a pessoa fumou maconha ou porque esteve em contato com alguém que havia consumido. Tal análise tampouco indica se a droga foi utilizada durante o trabalho ou fora. Pode-se igualmente obter resultados falsamente positivos que provêm de medicamentos sob prescrição. Trata-se aqui de dois problemas. O primeiro refere-se às questões de fidelidade, validade e de uma falsa impressão de certeza. As técnicas estão longe de ser tão poderosas como afirmam seus defensores. Mas e se elas

segurança, sua validade. Sabe-se que o polígrafo, a voz impressa (*voice print*) e os testes de detecção de drogas estão longe de serem perfeitos. E, posto de lado o esforço consciente de impedir uma tecnologia, o que resulta bem em um laboratório controlado pode atingir um mundo real desordenado. Assim, as ondas de um *beeper* eletrônico são bloqueadas por uma banheira ou um colchão de água, sem falar nas panes de eletricidade ou de telefonia.

10) *A falsa ideia de um ambiente pacífico, sem reação*, que está em relação com as consequências não esperadas. É necessário ver as inovações como novas variáveis em circunstâncias dinâmicas. Existe um princípio social "Heisenberg" que, com o tempo, reduz o efeito de muitas soluções. Os novos controles lançam um desafio e ocasionam outras infrações.

11) *A falsa ideia da neutralidade técnica*. As noções equivocadas de uma neutralidade técnica podem mascarar os aspectos políticos, sociais e éticos. A resposta de George Orwell a tal informação – "A selva é também neutra" – se aplica aqui. A tecnologia se desenvolve e é aplicada em um contexto social que não é neutro nem igual. Em certos casos (se citamos J.-P. Sartre ao inverso), isso seria "a ilusão das mãos limpas". Mesmo se existe um distanciamento do agente da ação, pois esta é iniciada por um processo automático, há, de todo o modo, uma responsabilidade moral. Ela é completamente mascarada e torna-se difusa. Todos nós somos vítimas da situação em que um pequeno burocrata nos responde: "Mas, de acordo com o sistema...". Ela permanece indiferente aos agentes humanos que determinam as regras e que reúnem os dados e os fornecem ao sistema. Esse distanciamento mecânico, esse obscurecimento tornam mais fáceis as ações desumanas e dificultam os esforços para controlar os controladores.

---

forem? Nesse caso, pode-se justificar seu emprego indiscriminadamente? Como seria a vida em uma sociedade em que se pode sempre saber o que pensa qualquer um, se ele diz a verdade, onde ele foi e o que ele fazia?

12) *A falsa ideia de que se pode delegar as decisões a uma máquina sem a opinião humana sobre a ação recomendada*. As programações de computador são "fora de contexto" e, em muitos casos, não podem se dirigir à complexidade da realidade como o pode fazer um ser humano. Esse é especialmente o caso das circunstâncias atípicas e atenuantes. No jargão do computador, é necessária a interface humana "*in the loop*". O exemplo mais evidente é a imagem da ficção científica de uma guerra provocada automaticamente por um erro proveniente de detectores eletrônicos.

13) *A falsa ideia de que, se alguém consegue patinar sobre uma fina camada de gelo, é normal que se o faça*. Não é suficiente demonstrar que uma tática pode obter resultados sem consequências desastrosas. É necessário examinar também a probabilidade e o custo dos prejuízos catastróficos.

14) *A falsa ideia de supor que, se alguém ou uma crítica colocam em questão os meios, ele ou ela deve se opor aos fins*. O inverso é uma falsa ideia reconfortante: se há boas intenções, haverá bons resultados. Ou, também, se os resultados são ruins, isso é perdoável. A primeira ideia é uma tática clássica de calúnia: os que se opõem aos meios não controláveis e fortemente indiscretos aprovam o abuso das drogas, a subversão ou o roubo contra aqueles que dirigem essas táticas. Em um só tempo, sobre o plano estratégico e sobre o plano humanitário, as críticas devem reconhecer o engajamento moral que motiva frequentemente os campeões da vigilância. Talvez seja possível sugerir uma alternativa. Se não, é necessário observar que os meios de remediar são às vezes piores que a doença.

15) *A falsa ideia de que só os culpáveis devem temer a tecnologia intrusiva* (quem não deve não teme). Essa noção ignora um princípio fundamental da sociedade ocidental: os meios, assim como os fins, têm um componente moral. Uma sociedade incapaz de distinguir entre o crime e a Justiça criminal corre em direção à catástrofe.

A PROPÓSITO DA GUILHOTINA E DOS CRIMINÓLOGOS

Thomas Edison exprimiu a esperança de que "o que a mão do homem criou a cabeça do homem controla". No entanto, mesmo se recusamos as falsas ideias expostas, é importante considerar que as mudanças citadas não são casos isolados. Elas tomam lugar, pouco a pouco, e, aparentemente, por razões nobres. Tomadas à parte e como um objetivo preciso, elas podem parecer socialmente desejáveis. Mas, assim que são observadas em sua totalidade, por décadas, elas introduzem uma sociedade completamente distinta. Deve-se considerar seu impacto acumulado.

Se as democracias industriais do Ocidente devem ceder um dia ao totalitarismo, isso virá não pelo cataclismo, mas pelo desenvolvimento. Em seu romance *It Can't Happen Here*, Sinclair Lewis afirma que a mudança virá sob a máscara da tradição, com a erosão progressiva das liberdades; a participação voluntária, as razões de ser benéficas e as mudanças de linguagem e de definições culturais obscurecendo os aspectos negativos. Diz-se que, se jogássemos um sapo em água muito quente, ele imediatamente saltaria fora d'água. Mas o que aconteceria se o colocássemos em água fria e a esquentássemos lentamente?

Em muitos setores internos dos países, estamos distantes da sociedade descrita por Orwell[24]. Mas julgar o grau de liberdade pelas normas tradicionais pode nos oferecer uma visão estreita e um otimismo não justificado.

Inspirado em experiências europeias recentes, o Estado de Orwell contem, ao mesmo tempo, formas violentas e não violentas de controle social ("uma bota esmagando um rosto humano" e o "Big Brother" que vigia). Relacionando esses dois fenômenos, Orwell propõe um modelo, entre muitos, de controle

---

24 Nos Estados Unidos, por exemplo, os apoios sociais tradicionais que trabalham contra o autoritarismos são poderosos – um povo instruído deseja os ideais democráticos, uma gama de canais independentes de comunicação de massa, uma superabundância de organismos voluntários e de liberdades civis protegidos pela constituição (Marx, 1984; 1986a).

totalitário. Na sociedade contemporânea, as formas violentas e não violentas de controle totalitário foram separadas, e as últimas estão em desenvolvimento. Após quatro décadas, as formas de controle mais sutis, de aparência menos coercitiva, emergem. O fato de que elas existem nas sociedades também democráticas, nas quais o Estado utiliza menos o recurso da violência, pode nos cegar no que se refere a seu inquietante potencial. As ameaças à vida privada, à liberdade não devem ser unicamente associadas ao emprego da força. Elas podem surgir a serviço tanto de fins benignos quanto de fins totalitários. Huxley, com sua tecnologia de aparência benigna, é sem dúvida um guia melhor do porvir que Orwell.

A ausência de opressão física é uma condição necessária, mas não suficiente da liberdade. O fato de que existem formas de controle mais sutis no interior de Estados democráticos não quer dizer que possamos baixar a guarda. Mesmo se não chegamos lá ainda, nós nos aproximamos de uma sociedade de segurança máxima em vez de nos afastarmos dela.

Orwell não previu a possibilidade de uma sociedade com importantes invasões sobre a vida privada, a liberdade, a autonomia, mesmo em um ambiente relativamente não violento, equipado com fórmulas democráticas e muralhas contra o totalitarismo.

A primeira tarefa de uma sociedade que deseja salvaguardar a liberdade e a vida privada consiste em vigiar o abuso da coerção por parte do Estado e de particulares. A segunda é fazer a vigília contra as formas mais sutis de controle secreto e manipulador. Dada a natureza sutil, indireta, invisível, difusa, enganosa e envolvente das justificações benignas desta última, a segunda tarefa é, evidentemente, a mais difícil.

Existe uma história apócrifa sobre três criminólogos condenados à guilhotina. O carrasco coloca a cabeça do primeiro sobre o bloco de madeira e corta a corda, mas a lâmina não cai. Toma-se o fenômeno por um ato de Deus, e o prisioneiro é libertado. O segundo criminólogo é trazido e o mesmo fato se repete. Assim que o terceiro é conduzido ao local, ele ergue a cabeça

e diz: "Esperem um minuto. Eu acredito que possa consertá-la". Eu espero que em nossos nobres esforços de nos servir da tecnologia para consertar o sistema de Justiça criminal nós não sejamos vítimas da autodestruição ou da destruição social.

FONTES CONSULTADAS

Ball, R.; Huff, R.; Lilly, R. House arrest and correctional policy: doing time at home. Beverly Hills: Sage Publications, [*no prelo*].

Bittner, E. Technique and the conduct of life. Social Problems, v. 30, n. 3, 1983.

Brodeur, J. P. High policing and low policing: remarks about the policing of political activities. Social Problems, v. 30, n. 3, 1983.

Brodeur, J. -P. ; Monjardet, D. (Org.). Connaître la police. Grands textes de La recherche anglo-saxonne. *Les Cahiers de Sécurité Intérieure: Revue Trimestrielle de Sciences Sociales*, Hors de série, pp. 371-95, 2003.

Cohen, S. Visions of social control. Cambridge: Policy Press, 1985.

Erikson, R.; Shearing, C. The scientification of police work. In: Bohme, G.; Stehr. N. The impact of scientific knowledge on social structure. (Sociology of Science Yearbook, 10.) Dordrecht: Reidel, 1985.

Foucault, M. Discipline and punish. New York: Pantheon, 1977.

Goffman, E. Asylums. New York: Doubleday Anchor, 1961.

Laudon, K. Dossier society values choices in the design of national information systems. New York : Columbia Univ. Press, 1986.

Landreville, P. Surveiller et prévenir: l'assignation à domicile sous surveillance électronique. Déviance et société, v. 11, n. 3, 1987.

Marx, G. T. Fragmentation and cohesion in American society. Washington, D.C.: Trend Analysis Program, American Council on Life Insurance, 1984.

Marx, G. T. Undercover: police surveillance in America. Berkeley: University of California Press, 1988.

_____. La societé de sécurité maximale. *Déviance et Societé*, v. 12, n. 2, pp. 147-166, 1988.

_____. The iron fist and the velvet glove: totalitarian potentials within democratic structures. In: Short, J. (Ed.) The social fabric dimensions and issues. Beverly Hills: Sage Publications, 1986a.

Marx, G. T.; Sherizen, S. Monitoring on the Job. Technology Review, nov. 1986b.

Marx, G. T.; Reichmann, N. Routinizing the discovery of secrets: computers as informants. American Behavioral Scientist, v. 27, 1984.

Michael, D. Too much of a good thing? Dilemmas of an information society. Technological Forecasting and Social Change, v. 25, n. 4, 1984.

Rule , J. The ingredients of totalitarism. In: Howe, I. Totalitarianism in our century. New York: Harper and Row, 1984.

Shearing , C.; Stenning, P. From the panopticon to Disney World: the development of discipline. In: Dood, A.; Greenspan, E. (Ed.) Perspectives in criminal law. Aurora Canada Law Book Co., 1984.

Stinchcombe, A. Institutions of privacy in the determination of police administrative practice. American Journal of Sociology, v. 69, 1963.

NOTAS DO TRADUTOR

i NT: Nome comercial do *naltrexone hydrochloride*, um analgésico da família dos *opiaceos*, utilizado para o tratamento de adição de narcóticos e de overdose.

ii Medicamento de baixo custo e bom resultado. Foi o primeiro fármaco aprovado para o tratamento do alcoolismo.

iii Medicação antiandrogênica que diminui níveis de testosterona. É utilizada para tratamento da pedofilia.